

O Repórter da História: Anchieta e o IV Centenário do Rio de Janeiro.

Natália Müller Bona¹

Resumo: Este artigo se propõe a analisar as representações de José de Anchieta presentes em um documentário sonoro produzido pelo jornalista Amaral Netto, em 1965, por ocasião das comemorações do IV Centenário de fundação da cidade do Rio de Janeiro. O documentário enfoca o período da França Antártica e, sobretudo, a expulsão dos franceses, na qual o missionário jesuíta teve destacado papel. Considerando o ano de sua produção, a análise deste documentário se reveste de grande importância para a compreensão do contexto político brasileiro e para a identificação das razões do resgate da figura de José de Anchieta pelo regime militar, através da instituição do Dia de Anchieta, também em 1965.

Palavras-chave: Pe. José de Anchieta, representações, regime militar.

O Repórter da História: Como Nasceu o Rio

Este documentário foi produzido pelo jornalista Amaral Netto², em 1965, por ocasião das comemorações do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro, e contempla o contexto colonial compreendido entre a chegada de Martim Afonso de Souza, em 1502, e a morte de Estácio de Sá, em 1567. Mas é a ocupação da Baía da Guanabara por colonos franceses huguenotes – a França Antártica, que se estendeu de 1555 a 1567 – que merece maior destaque. A vitória dos portugueses sobre os franceses e o papel desempenhado por Anchieta na expulsão e fundação da *“mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de*

1 Graduanda em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; bolsista FAPERGS, vinculada ao projeto de pesquisa *Dos fins da política e da religião: a apropriação do pensamento anchietano pelo regime militar*, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck.

2 Fidélis dos Santos Amaral Netto foi jornalista e parlamentar. Como jornalista, trabalhou no jornal *Correio da Noite* e em 1949, ajudou a fundar o *Tribuna da Imprensa*, junto de Carlos Lacerda. Na década de 1970, apresentava um programa na Rede Globo, *“Amaral Netto, o repórter”*. Como parlamentar, atuou como deputado estadual e federal, representando o estado do Rio de Janeiro. Esteve filiado à UDN, ao MDB, à Arena, tendo sido também líder do PDS. Uma de suas proposições mais polêmicas foi a da instituição da pena de morte no Brasil. Também teve grande proximidade com Carlos Lacerda, tendo sido durante dois anos líder do seu governo na Assembléia Constituinte e na Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara. Por sua identificação com Carlos Lacerda, Amaral Netto também teve participação ativa no golpe militar de 1964. (Ver em http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/211_1.asp). Por estes motivos, ligados tanto à sua política quanto à sua personalidade, acabou recebendo a alcunha de “Amoral Nato” (Ver em http://www.vitrineliteraria.com.br/index.asp?lr=noticias_exibir.asp-icia=856).

Janeiro” são os temas explorados pelo *Repórter da História*. Esta é a razão para que ele tenha sido um dos entrevistados que aparecem no documentário.

A Produção

A produção abusa de chamadas em tom de manchete e de entrevistas com personagens importantes para o momento histórico. Entre os entrevistados estão Martim Afonso de Souza, a Rainha Catarina de Médicis, Nicolau de Villegagnon, Mém de Sá, Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, entre outros. Estas entrevistas feitas pelo Repórter da História – que vai de um local a outro como se não houvesse fronteiras, no mais amplo sentido da palavra, tanto territoriais, quanto de idioma – abordam temas pertinentes aos acontecimentos que ocorriam no Rio de Janeiro do século XVI.

As manchetes – tal como as que ocupam as primeiras páginas dos jornais – procuravam chamar a atenção dos ouvintes para o que estava acontecendo no momento narrado, guiando, desta forma, o público. As datas são anunciadas, e, dependendo da importância do acontecimento, há ainda a chamada de urgência própria das manchetes, evidenciando, desta forma, o caráter jornalístico e sensacionalista da produção. Isto fica evidente nesta passagem do documentário:

*Rio de Janeiro, 31/dezembro/1555, **Urgente!** Nesta região também chamada pelos franceses de River de Guanabara graves acontecimentos estão tendo lugar: estourou violenta discórdia entre católicos e protestantes, as relações com os índios vão se deteriorando em função das violentas medidas de disciplina tomadas por Villegagnon, o ambiente na fortaleza de Coligny é dos mais tensos principalmente porque não há mais vinho e a comida é de péssima qualidade! [grifos meus]*

Há também – e como não poderia deixar de ser, por tratar-se de uma produção jornalística – algumas mensagens em tom propagandístico, ressaltando o imaginário e a mentalidade vigentes na época:

Vá ao Rio da Prata e volte rico! Excepcional oportunidade para homens de coragem. Se você é um deles, inscreva-se hoje mesmo na expedição de Alonso de Cabrera, em Toledo, Espanha. Um ano de pagamento adiantado. Basta ser um marinheiro, ou saber manejar qualquer arma, ou falar a língua dos índios, ou conhecer metais preciosos. Garantimos pensão às famílias dos que morrerem. Participação nos lucros. Não esqueça: há um lugar na nossa nau a sua espera! E note bem, não são exigidas referências nem folha corrida. Vá ao Rio da Prata e volte rico!



Imagem 1: Capa

Imagem 2: Contracapa

A produção, como já mencionado, recorre às entrevistas, empregando uma linguagem radialística, já que o *Repórter da História* contata as personagens na condição de correspondente de alguma rádio de notícias, inquirindo-os sobre os acontecimentos relativos ao período da França Antártica.

Para uma análise mais aprofundada do documentário é fundamental conhecer e analisar os dois contextos históricos a que ele se refere, quais sejam, o contexto narrado – e que nos remete a Anchieta – e o contexto de sua produção. Além disso, deve-se considerar o impacto e influência que exerceu junto aqueles que ouviram o documentário, a fim de avaliarmos a difusão da mensagem que pretendeu veicular.

Considerando a natureza da fonte, impõe-se o conhecimento sobre a interface existente entre Cinema e História e sobre a metodologia de análise mais adequada de filmes e documentários. Isto porque:

Nesse contexto de abertura da história para novos campos, o filme adquiriu de fato o estatuto de fonte preciosa para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, dos valores, das identidades e das ideologias de uma sociedade ou de um momento histórico. Os vários tipos de registro fílmico - ficção, documentário, cinejornal e atualidades vistos como meio de representação da história - refletem, contudo de forma particular sobre esses temas. Isto significa que o filme pode tornar-se um documento para a pesquisa histórica, na medida em que articula ao contexto histórico e social que o produziu um conjunto de elementos intrínsecos à própria expressão cinematográfica (KORNIS, 1992: 3).

Convém, ainda, ter bem presentes as características da radio-difusão da época em que o documentário foi produzido e ouvido:

O Brasil - assim como vários países latino-americanos - viveu forte movimento nacionalista na primeira metade do século XX. Conforme Martín-Barbero (1987), o surgimento das massas urbanas prestou-se a projetos políticos populistas e nacionalistas que resultaram na organização de poder que deu forma ao compromisso entre essas massas e o Estado. Por outro lado, as novas tecnologias daquele momento, o rádio e o cinema, tornaram possível a emergência e a difusão de uma nova linguagem e de um novo discurso social: o popular massivo. Essas tecnologias de comunicação tiveram, assim, a sua relação com a cultura mediada por um projeto estatal de modernização político, mas, também, cultural. À época, "não era possível transformar esses países em nações sem criar neles uma cultura nacional", segundo o autor (HAUSSEN, 2004: 2).

Neste sentido, mais importante do que aos recursos de sonoplastia, é preciso estar atento ao uso estratégico do silêncio, aos tons de determinadas vozes, já que exercem grande influência sobre o espectador, produzindo fortes apelos imaginativos:

Evocando o imaginário, presente para ele [Ferro] em qualquer gênero fílmico, como uma das forças dirigentes da atividade humana, procura demonstrar como é através da forma que o filme atua no terreno da imaginação e se estabelece a relação entre autor/tema/espectador (KORNIS, 1992: 7-8).

Além dessas questões relativas aos métodos e técnicas de produção, devemos considerar o contexto político-cultural, sobretudo das políticas de incentivo à cultura, que acabam interferindo diretamente no processo de criação e distribuição de documentários e de filmes:

Imagina-se que a realização de um filme produz rivalidades, conflitos, lutas de influência, o que é sabido desde Ivan, o Terrível, e, se isso era verdadeiro anteriormente, permaneceu assim depois. De maneira disfarçada ou aberta, esses conflitos afrontam, segundo a sociedade em questão, o artista e o Estado, o produtor e o distribuidor, o autor e o realizador, bem como os membros da equipe, as equipes entre si, etc., segundo os sistemas que variam em cada produção e cada obra, e que raramente transparecem, a não ser sob a forma de uma alusão sutil ao 'ambiente' da filmagem de uma realização. [...] Assim como todo produto cultural, toda ação política, toda indústria, todo filme tem uma história que é História, com sua rede de relações pessoais, seu estatuto dos objetos e dos homens, onde privilégios e trabalhos pesados, hierarquias e honras encontram-se regulamentados [...] não existe empreendimento industrial,

Acadêmico
*militar, político ou religioso que conheça diferença tão intolerável entre o
brilho e a fortuna de uns e a obscura miséria dos outros artesãos da obra
(FERRO, 1992: 17).*

Cabe ressaltar que o contexto político brasileiro em 1965 – ano em que o documentário foi produzido – se caracterizava tanto pela implantação e legitimação do regime militar brasileiro como forma de governo, quanto pelas comemorações do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro, que ocorreria cinco anos após a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília. Este contexto nos remete para o possível uso político do documentário, atendendo aos interesses de valorização da importância política do Rio de Janeiro e do papel histórico desempenhado pela *valorosa cidade*.

Face ao contexto de comemorações do seu IV Centenário, fica evidente no documentário sonoro o valor que é dado à cidade do Rio de Janeiro, pelo seu papel essencial na defesa e manutenção da integração territorial luso-brasileira, ao terem os cariocas expulsado os franceses da Baía de Guanabara. Vale lembrar que, em termos de política cultural:

Durante a ditadura civil-militar no Brasil (1968-1985), as políticas culturais postas em prática tinham como preocupação a preservação/criação de uma memória nacional, através dos mais diversos meios – museus, literatura, conservação de cidades históricas – entre os quais se encontrava o tema desse artigo: o cinema. O esforço para forjar uma representação da história através do cinema se manifestou em discursos isolados – como o pronunciado em 1971 pelo ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, incentivando cineastas e produtores a realizarem filmes sobre grandes heróis nacionais – e em projetos culturais bem estabelecidos que ofereciam prêmios e suporte financeiro através da Embrafilme, empresa estatal de cinema, aos projetos que se debruçassem sobre a história do Brasil (PINTO, 2009: 02).

É importante lembrar que as comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro ocorriam cinco anos após a criação do Estado da Guanabara, que vigorou de 1960 a 1975. Em 1965, ano da produção do documentário, a Guanabara era governada por Carlos Lacerda, político bastante atuante no golpe de estado ocorrido em 1964 e ligado ao mentor do documentário alvo deste artigo³.

Ao analisarmos as representações de José de Anchieta veiculadas pelo documentário, se impõem inegavelmente as de restaurador da fé e de defensor da integridade do território nacional, sobretudo aquelas vinculadas a sua atuação no episódio da França Antártica, ocasião em que teria sido responsável pela expulsão dos franceses

3 Ver em http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/211_1.asp

Acadêmico protestantes que comprometiam a fé católica e a manutenção do território para a Coroa Portuguesa. A participação fundamental de Anchieta neste episódio e seus desdobramentos em termos de representação na produção histórica foram apontados por Lucena:

[...] apesar das estratégias militares partirem e serem executadas por Mem de Sá, Anchieta possuía um grande conhecimento, pois os narra com autoridade e interesse, sendo que seus relatos refletem a intensidade da participação do missionário nos feitos militares da tomada da fortaleza de Coligny. Neste sentido, Anchieta aparece profundamente envolvido no confronto e apresenta-se como um militar. Assim, vemos que a imagem de um Anchieta soldado decorre também do seu envolvimento no episódio da França Antártica. Episódio em que o jesuíta, juntamente com Mem de Sá, luta intensamente pela expulsão dos franceses, os “demônios calvinistas”, conciliando a defesa do território à fé (LUCENA, 2008: 46).

Das biografias escritas sobre Anchieta e analisadas por Lucena, destacamos a produzida pelo Pe. Viotti, *Anchieta: O Apóstolo do Brasil*, em que encontramos informações sobre sua efetiva participação na expulsão dos franceses:

*Anchieta e Gonçalo de Oliveira, mestre e discípulo, este já sacerdote e só por isto superior, acompanham como capelães a expedição vicentina de reforço à esquadra de Estácio de Sá. **Quanto terá valido para a mobilização destes elementos a influência de Anchieta sobre Índios e Mamelucos podemos conjeturá-lo com muito fundamento. Mas já não necessitamos de nenhuma conjetura, para afirmar que a ele principalmente ficou devendo nosso país a dedicação e habilidade, com que, durante penosíssimos três meses, janeiro, fevereiro e março de 1565 – e disso dará testemunho em 1619 Gonçalo de Oliveira – soube manter inabalável o espírito combativo dos expedicionários, sem os quais, frisemo-lo mais uma vez, dificilmente se fundaria então o Rio de Janeiro [grifos nossos] (VIOTTI, 1966: 117).***

Estas reflexões sobre a importância atribuída ao missionário para a defesa do território e para a salvaguarda dos valores morais e religiosos da época podem ser encontradas em outros trabalhos, como neste de Bicalho:

No entanto, muitos franceses conseguiram escapar, embrenhando-se pelo continente, voltando mais tarde à Baía, onde permaneceram mantendo contato com novos navios provenientes da França, que continuaram freqüentando a Guanabara à procura de especiarias e, sobretudo, de pau-brasil. Somente em 1565, uma expedição comandada por Estácio de Sá, e da qual participaram alguns jesuítas, como Nóbrega e Anchieta, expulsou definitivamente os franceses remanescentes daquela região,

restabelecendo o domínio luso e fundando, para garanti-lo, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (BICALHO, 2008: 15).

A autora reconhece o valor que o episódio da expulsão dos franceses teve para a garantia da integridade colonial portuguesa, na medida em que a França Antártica se constituiu efetivamente numa ameaça:

[...] a França Antártica se constituiu numa ameaça igualmente bifronte ao empenho colonizador português. Em outras palavras, de que maneira suas possíveis leituras pela historiografia, ou a leitura de diferentes conjuntos documentais podem iluminar e trazer ao centro do debate historiográfico questões fundamentais não só para a compreensão do processo de expansão ultramarina portuguesa, como a aliança entre Fé e Império, que a marcou profundamente, mas, principalmente, temas centrais para o entendimento da modernidade européia, ou seja, da história dos tempos modernos na Europa e no Atlântico-Su. (BICALHO, 2008: 3).

É inegável a importância que a vitória dos portugueses sobre os franceses teve para que a integridade territorial e o domínio luso sobre a colônia fossem assegurados na segunda metade do século XVI. As referências feitas a potenciais ameaças estrangeiras por setores sociais brasileiros mais conservadores, sobretudo, nos anos que antecederam o golpe civil-militar, fizeram com que este episódio da história colonial fosse evocado e que a figura de Anchieta merecesse destaque na segunda metade do século XX.

Foi isto, sem dúvida, que fez com que os valores morais e religiosos e o pensamento político que nortearam as decisões tomadas pelos administradores lusos e pelo jesuíta Anchieta diante da ameaça huguenote calvinista fossem retomados por militares, leigos católicos e autoridades eclesiásticas e, simbolicamente, apontados como os ideais para o Estado e a sociedade projetados a partir de 1964. A instituição do Dia de Anchieta e a promoção de uma série de atividades culturais e cívico-educacionais comprovam⁴ a apropriação feita da figura e do pensamento de José de Anchieta pelo regime militar.

José de Anchieta

José de Anchieta aparece neste documentário como peça fundamental para a vitória dos portugueses contra os franceses no episódio que pôs fim à França Antártica. O Repórter

⁴ É importante ressaltar que, apesar dos nossos esforços para o levantamento de informações sobre a repercussão (e recepção) do documentário – na imprensa carioca – no momento de sua produção e veiculação, não encontramos dados suficientes para a sistematização de uma conclusão. Cabe, no entanto, destacar que trechos do documentário foram utilizados em produções posteriores, como nos filmes *Como era Gostoso o Meu Francês*, de 1970, e *Hans Staden*, de 1999, e que, ainda hoje, o documentário pode ser adquirido em mercados online informais.

da História não poderia deixar de realizar uma entrevista com o missionário jesuíta que animou os exércitos e se mostrou um hábil estrategista:

“É justo destacar a figura estoíca de herói que se reflete neste encurvado e aparentemente doente irmão José de Anchieta, grande intérprete da língua dos índios, catequista carinhoso, que conquista pela palavra e repudia as armas, vem de realizar missão de pacificação entre os tamoios, só quebrada pelos que habitam o Rio de Janeiro.

A este homem se deve o que ainda resta de disciplina e de esperança dentro da tropa. Não há mais nada para comer, a última gota d'água, de um poço que os nativos mantinham na ilha, secou.

- Padre!

- Engana-se, meu amigo, não sou padre, sou um simples e modesto irmão da Companhia de Jesus. Meu superior ali está: Don Gonçalo.

- Irmão Anchieta, acredita que a esquadra conseguirá chegar ao Rio inteira?

- Tenho fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Esta missão é uma missão do Seu agrado. Ele há de nos ajudar a cumpri-la. Conseguidos os que queriam voltar com uma dilatação de prazo a espera na nau capitânia e dos barcos desgarrados, dei-lhes garantias que chegarão mantimentos antes que o sol se ponha.” [grifos meus]⁵

Por este trecho da entrevista, podemos perceber – principalmente pelos adjetivos atribuídos a Anchieta – qual a visão predominante e qual a que o documentário pretendia difundir junto à população alvo do programa comemorativo do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro. Tendo em vista a imagem de restaurador da moral e da fé e, principalmente, de articulador da defesa da integridade nacional, o documentário nos apresenta um José de Anchieta em sintonia com as condutas mais valorizadas neste momento de instauração do regime militar brasileiro.

Como podemos constatar, o missionário jesuíta José de Anchieta foi tido como exemplo não apenas para o seu tempo e para os membros da Companhia de Jesus, tendo continuado a exercer influência e a representar os valores morais e cívicos ideais para a nação brasileira, especialmente, no período imediatamente após o golpe de estado de 1964. A instituição do Dia de Anchieta e a produção do documentário aqui analisado parecem comprovar o uso político da sua imagem.

5 Conteúdo extraído diretamente do documentário sonoro.

Referências:

- ALMEIDA, Milton José de. **Cinema Arte da Memória**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. 150 p.
- AMARAL NETTO. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/211_1.asp>. Acesso em: abril de 2009.
- ARIEL CASTRO, José. Táticas de Anchieta, destinos do Brasil: grau de adesão do beato brasileiro à ideologia da violência no Brasil quinhentista. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Crete/7424/tatica7.doc>>. Acesso em: 07 de janeiro de 2009.
- ARNAUT DE TOLEDO, C. A.; RUCKSTADTER, F. M. M. Análise da construção histórica da figura "heróica" do padre José de Anchieta. Cadernos de História da Educação. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, v. 5, p. 13-26, 2006. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/nephe/arquivos/edicao5/ed5completa.pdf#page=13>>. Acesso em: 03 de janeiro de 2009.
- BARROS, Kauiza Araujo de. Teatro jesuítico: um instrumento da pedagogia jesuítica. **Revista Cabanos**, 2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_002/educacao/teatrojesuítico.pdf>. Acesso em: 03 de janeiro de 2009.
- BICALHO, Maria Fernanda B. A França Antártica, o curso, a conquista e a "peçonha luterana". **História** [online]. 2008, vol.27, n.1, p. 29-50. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&id=S0101-90742008000100004&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 13 de maio de 2009.
- COSTA, Nelson. **O Rio através dos séculos: a história da cidade em seu IV centenário**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965. 176 p.
- DAHER, Andréa. **O Brasil francês: as singularidades da França Equinocial 1612-1615**. Rio de Janeiro: Record, 2007. 358 p.
- EISENBERG, J. . As Missões Jesuíticas e o Pensamento Político Moderno: encontros culturais, aventuras teóricas. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- FERRO, Marc. **Cinema e história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 143 p.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração. In.: BARBOSA FILHO; PIOVESAN; BENETON (orgs.). **Rádio – sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/radiofam/downloads/radio_brasileiro.pdf>.
- KORNIS, Mônica Almeida. HISTÓRIA E CINEMA: um debate metodológico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 237-250. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/106.pdf>.
- LOPEZ, Adriana. **Franceses e Tupinambás na Terra do Brasil**. São Paulo: Editora Senac, 2001. 170 p.
- LUCENA, Paula Cardoso de. **Um soldado a serviço do rei e de deus: as representações da atuação do jesuíta José de Anchieta no episódio da França Antártica**. Trabalho de conclusão de curso. Unisinos: São Leopoldo, 2008, 74p.
- MAESTRI, Mário . O elogio ao colonialismo de José de Anchieta. **Revista Eletrônica Espaço da Sophia**, v. 11, p. 11, 2008. Disponível em: <http://www.espacodasophia.com.br/colunistas/mario_maestri_o_elogio_ao_colonialismo_de>

_jose_de_anchieta.pdfi>. Acesso em: 03 de janeiro de 2009.

MOREIRA, Maria Cristina; HENRIQUES, Cláudia. **O monumento escultórico em espaço urbano como identidade cultural luso-brasileira**. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Claudia%20Henriques.pdf>>. Acesso em: maio de 2009

VIOTTI, Helio Abranches. **Anchieta, o apóstolo do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1966. 340 p.

WETZEL, Herbert Ewaldo. **Mem de Sá: terceiro governador geral: 1557-1572**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. 277 p.

Recebido em *setembro* de 2009

Aprovado em *novembro* de 2009